

## RUBEM BRAGA E O ESPAÇO POÉTICO DE UM CRONISTA CONTADOR

Joana Leopoldina de Melo Oliveira  
Departamento de Letras – PPGEL/UFRN

### RESUMO

Rubem Braga entrou para a História da Literatura Brasileira apenas como cronista, ele escreveu em diversos jornais do Brasil e também trabalhou como correspondente de guerra. Muitas de suas crônicas que saíram nos jornais foram parar em livros, entretanto, nem tudo foi publicado e ainda existem muitas crônicas de Rubem Braga guardadas em arquivos de jornais. O objetivo deste trabalho, ainda em desenvolvimento, é estudar as crônicas escritas por esse cronista no ano de sua morte (1990), e que saíram no suplemento “Caderno 2” do Jornal O Estado de São Paulo. Trata-se de um material quase inédito e de grande relevância, tendo em vista que foram as últimas crônicas escritas pelo autor. Pretende-se analisar os espaços poéticos descritos pelo narrador nessas crônicas, eles serão analisados com o apoio teórico do livro "A poética do espaço" de Gaston Bachelard. Também pretende-se estudar a figura do narrador e a estrutura da narrativa, procurando entender em que medida essas crônicas de Rubem Braga se aproximam do conto da tradição oral. Pretendo realizar essa minha proposta de análise principalmente através dos textos teóricos de Walter Benjamin, Davi Arrigucci Jr. e Antônio Candido, textos que contribuirão na análise da obra do cronista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rubem Braga; crônica; narrador contador; espaço poético

Apesar deste estudo tratar da obra de um autor que se denominava jornalista e conhecido do grande público, justamente por ter feito do jornal como veículo divulgador de sua obra, acredito que uma breve apresentação se faz necessária. Rubem Braga nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo, em 1913. Estudou Direito no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, onde se formou em 1932, época em que passou a se dedicar profissionalmente ao jornalismo, como repórter e cronista do *Diário da tarde*, depois de já ter estreado, em 1929, no jornal *Correio do sul*, de Cachoeiro. Como jornalista trabalhou durante anos em Minas, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Rio. Durante a Segunda Guerra Mundial foi correspondente do *Diário Carioca* na Europa. Viveu também no Chile, como chefe do Escritório Comercial do Brasil, e no Marrocos, como embaixador. Em 1936, estréia seu primeiro livro de crônicas - *O conde e o passarinho*, a partir daí se seguiram muitos outros títulos, já que nunca deixou de escrever regularmente

crônicas para jornais e revistas. Por isso conquistou seu lugar na literatura brasileira exclusivamente como cronista.<sup>1</sup>

Apresentarei um estudo das crônicas de Rubem Braga que saíram no Suplemento “Caderno 2” do jornal *O Estado de São Paulo*, no ano de 1990. Esse ano é especial porque é o ano de sua morte, e o cronista escreveu e publicou crônicas até o final da sua vida. Não poderia falar de crônica e não falar do seu veículo de origem, o jornal. Ele é o principal veículo de circulação da crônica e foi através dele que esse gênero se desenvolveu e, além disso, o nosso cronista se denominava um homem do jornal. Os questionamentos sobre o gênero crônica é outro assunto que não pode deixar de ser mencionado num trabalho sobre crônica, pois esse gênero é um gênero jornalístico e literário ao mesmo tempo, por isso temos que observar todas as características que lhe pertence, para poder entender como a sua estrutura se compõe.

### CRÔNICA: GÊNERO LITERÁRIO OU JORNALÍSTICO?

Para estudar mais profundamente o gênero crônica é preciso voltar as suas origens. Sabemos que o sentido primeiro atribuído à crônica é o de relato histórico, por isso: *khronos* – tempo. Dessa forma, as cartas dos viajantes do século XVI como: Pero Vaz de caminha, Pero de Magalhães Gândavo, Frei Bartolomé de Las Casas e Cristóvão Colombo, são consideradas crônicas históricas e esses viajantes, cronistas. Eles são chamados de cronistas do descobrimento<sup>2</sup>, pois relatam o que viram na América e também no Brasil na época do seu descobrimento. Nas crônicas históricas os lugares e acontecimentos são descritos para alguém, que na maioria das vezes é o rei de uma província. Os cronistas Ibéricos escreviam para o rei descrevendo as belezas e riquezas das terras conquistadas, entretanto esse relato era escrito com a fantasia e a subjetividade do cronista, fato que contribuiu para essas crônicas serem reconhecidas também como documentos literários.

Depois de certo tempo, a partir do século XIX, a crônica deixou de ser apenas um relato histórico e ganhou outro significado, principalmente em Portugal e no Brasil, tornando-se um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo.<sup>3</sup> De acordo com Afrânio Coutinho:

O uso da palavra para indicar relato e comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia. Assim, “crônica” passou a significar outra coisa: um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, as variedades, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. (2004, p.121)

<sup>1</sup> Dados tirados do livro *Melhores contos – Rubem Braga* (seleção de Davi Arrigucci Jr.), Global Editora, 2004. p.161.

<sup>2</sup> Ver: OLIVIERI, A.C. e VILLA, M. A. (organizadores). *Cronistas do Descobrimento*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

<sup>3</sup> Segundo Afrânio Coutinho a palavra “crônica” ainda continua tendo sentido de gênero histórico em inglês, francês, espanhol e italiano. (2004, p.121)

No início, as crônicas eram chamadas de folhetins, e vinham estampadas nos rodapés dos jornais. O folhetim é originário da França (*feuilletons* – folhetins)<sup>4</sup>, e espalhou-se mundo afora graças ao grande sucesso do jornal. Com o passar do tempo o termo “folhetim” foi substituído por “crônica”, ficando folhetim apenas para designar a seção em que eram publicadas as formas literárias em geral.

Estudar o gênero crônica não é um feito muito fácil para o pesquisador que trabalha com literatura, isso se deve, principalmente, ao fato desse gênero ser considerado por muitos como um “gênero menor”, e porque também não dizer polêmico, já que a crônica tem como suporte o jornal, veículo efêmero do nosso dia-a-dia. Segundo Antonio Candido:

A crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um ‘gênero menor’. ‘Graças a Deus’, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (1984, p.5)

Muitos escritores famosos da literatura brasileira escreveram crônicas em jornais, como: Machado de Assis, José de Alencar, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Estes escreviam crônicas paralelamente aos seus romances e poesias para, na maioria dos casos, aumentarem a renda mensal ou simplesmente pelo prazer que esse tipo de escritura pode propiciar a quem o pratica. Isso prova o papel de destaque ocupado pela crônica no Brasil, como afirma Antonio Candido (1984, p. 6-7): “No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”. Entretanto, esse gênero apreciado por todos que o lêem, não é entendido em muitos casos como gênero literário. Ele gera contradição, pois estando entre o jornalismo e a literatura, pode ser escrito no jornal e apresentar características de um texto literário ou pode ser também apenas um texto jornalístico.

Temos que observar com muito critério o caráter literário da crônica, já que nem toda crônica pode ser considerada literatura. Se o cronista não consegue sair da notícia do jornal e ultrapassar o cotidiano, sua crônica será efêmera como o jornal. Mas se ele transcende a barreira do cotidiano e consegue usar as palavras para comover o leitor, esse fará da crônica uma arte literária.

Ainda hoje é muito questionada a função dos escritores que trabalham nos jornais escrevendo crônicas e artigos, ou então, os jornalistas que se tornaram conhecidos nacionalmente a partir de seus trabalhos nos jornais, como no caso de Rubem Braga. A crônica está nessa situação de fronteira, muitos escritores

---

<sup>4</sup> Ver estudo da Prof.<sup>a</sup> Marlyse Meyer sobre o Folhetim: MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

jornalistas brasileiros viam e na atualidade ainda vêm esse modo de escrever como uma “prostituição” do talento de fazer arte literária.

Como a crônica é escrita, na maioria das vezes, para ser vendida no dia seguinte no jornal, torna-se um produto de mercado, onde o escritor que não consegue suprir suas necessidades básicas escrevendo livros de romances e poesias, pois esses ainda hoje são pouco consumidos pela população, passa a escrever para jornais como fonte de renda que garante muitas vezes o seu sustento. Por isso, de acordo com Cristiane Costa<sup>5</sup>, os escritores jornalistas sentem-se “traidores” ou “prostituidores” do fazer literário.

A crônica atual se apresenta como um gênero jornalístico, pois praticamente nasceu no jornal, tendo em vista que existiram ainda antes das crônicas modernas as crônicas históricas, como, por exemplo, as de Fernão Lopes. Sua origem veio do folhetim<sup>6</sup>, espaço no rodapé do jornal que era destinado ao entretenimento, mas algum tempo depois a crônica adquiriu espaço próprio dentro do jornal e passou a ser um pedaço do jornal que fala dos mais diversos temas, principalmente os da vida diária.

Retomando a sua origem, o folhetim, percebemos que a diminuição desse gênero pode ser atribuído ao fato deste ter vindo da produção folhetinesca, produção que fez grande sucesso no século XIX, atingindo as classes mais baixas da sociedade com seus romances e que, segundo Marlyse Meyer (1985, p.24), é avô de todas as nossas novelas queridas. Entretanto, deve-se pensar também que aqui no Brasil esses romances folhetins deram origem aos mais famosos livros de grandes autores nacionais, como Manuel Antônio de Almeida (*Memórias de um Sargento de Milícias*) e José de Alencar (*O Guarani*, *A Viúva*, etc.). Dessa forma, deve-se perceber que a crônica se originou de uma produção de sucesso que atingiu as diversas classes da sociedade e, além disso, algumas delas viraram obras literárias que são conhecidas e estudadas ainda na atualidade.

Outro fator que pode provocar a redução desse gênero em relação aos demais é a sua característica passageira, traço obtido por fazer parte de um veículo efêmero, o jornal. Davi Arrigucci (1985, p.44) diz que “para poder compreendê-la adequadamente, em seu modo de ser e significação, deve ser pensada, sem dúvida, em relação com a imprensa, a que esteve sempre vinculada sua produção”. A crônica é feita para ser lida no dia seguinte em que foi escrita, dessa forma não é escrita originariamente com pretensão de durar mais que vinte e quatro horas, momento em que sairá outra crônica para substituí-la no jornal, diferentemente dos outros gêneros que se eternizam e passam para a posteridade, pois utilizam o livro como veículo de divulgação.

Apesar da despreensão em durar, a crônica conquistou aos poucos seu espaço nos livros e conseguiu deixar marcas na posteridade como um gênero que usa a simplicidade nas palavras para encantar os leitores. Hoje, algumas crônicas são escritas diretamente para serem publicadas em livros e o veículo de divulgação desse gênero passou a ser, nos dias atuais, não somente o jornal como também o livro e a

---

<sup>5</sup> Ver: COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil (1904-2004)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>6</sup> Ver: MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

internet. Portanto, a transferência desse gênero do jornal para o livro, mostra que o mesmo ultrapassou as marcas da efemeridade, revelando, dessa maneira, que também detém a característica dos gêneros literários de permanecer para que as gerações futuras conheçam o seu valor. No entanto, a mudança de suporte requer alguns cuidados por parte do cronista, a seleção e ordenação no livro são de grande importância, pois a crônica, de acordo com Cristóvão Tezza<sup>7</sup>:

Como jornalismo, costuma se esgotar no esgotamento mesmo do fato; como literatura, tem em geral a ambição tranqüila da orelha, a do livro e a do ouvido, atenta discretamente às sugestões do mundo. [...] Sozinha, a crônica brilha; em conjunto, quase sempre naufraga na redundância e no cansaço de seus truques, assim visíveis um ao lado do outro. (2004, p.06)

Essa declaração de Cristóvão Tezza serve apenas para aquelas crônicas jornalísticas que se esgotam com o desaparecimento do fato tratado. Por isso, é preciso também ser mestre ao selecionar as crônicas que irão compor um livro, pois estas não devem apenas exercer a função do jornalismo que se esgota com a notícia, estas devem tocar em questões universais, que falem ao leitor de qualquer época e o faça refletir sobre os assuntos que são ali retratados.

Por isso também, o seu caráter literário não pode ser negado. A linguagem e o lugar ocupado no jornal são características que a diferenciam de um texto ou de uma notícia jornalística. Dessa forma, fica claro que o gênero crônica é um gênero especial por apresentar características híbridas entre jornalismo e literatura, apresentando ainda “uma variedade de pequenos gêneros, dos simples aos mais complexos, na sua composição: [...] versos, sonetos, relatos, narrativas, casos, comentários, contos, confissões, descrições líricas, sátiras, paródias, etc.” (Roncari, 1985, p.14). Então não podemos defini-la como um gênero pertencente à categoria literária ou jornalística, a crônica pertence aos dois dependendo da situação que for escrita.

#### UM CRONISTA CONTADOR DE HISTÓRIAS (O ESTADO DE SÃO PAULO/1990)

Definir um cronista como Rubem Braga como um narrador que se assemelha a um contador de histórias tradicional é um desafio encantador. Temos a partir dessa definição a junção do narrador moderno com o narrador tradicional. Seguindo dessa maneira o que diz Davi Arrigucci Jr.:

No centro da obra de Rubem Braga estará talvez o desconcerto do narrador tradicional, cujo saber, fundado numa experiência comunitária de outros tempos, perde a eficácia no mundo moderno. É muito perceptível a dificuldade desse narrador para generalizar a experiência pessoal, transformando-a em conselho prático para os

<sup>7</sup> Comentário feito para apresentação do livro: CONY, Carlos Heitor. *O Tudo e o Nada*. São Paulo: Publifolha, 2004.

outros, ao mesmo tempo que essa experiência em si mesma se vai tornando cada vez mais rala, num mundo que adotou o ritmo desnorteante das mudanças contínuas e imprevisíveis. (2001, p.25)

Ele é um narrador moderno, pois pertence a um veículo símbolo da modernidade, o jornal. O cronista, homem do jornal é um narrador moderno porque escreve para um leitor da modernidade, pessoas apressadas que vivem sem tempo pra ler muita coisa, por isso o pequeno tamanho e a linguagem de fácil leitura. Esses leitores precisam também de algo mais que a notícia, dessa forma recorrem as crônicas que sondam os fatos banais do cotidiano, fazendo-os parar e refletir um pouco sobre a vida. Além dos leitores sem tempo, o próprio cronista também sofre desse mal moderno, muitas vezes escreve para manter seu sustento e tem que escrever para mais de um jornal, fazendo muitas vezes mais de um texto por dia.

Não são todos os cronistas que podem ser comparados a um contador de histórias tradicional. Rubem Braga foi um dos que conseguiu esse título, pois apresenta características que se assemelham ao contador: contar causos vivenciados pelas experiências do narrador e a conversa com o leitor, feita através de um narrador em 1ª pessoa, são pontos fundamentais da arte de narrar desse cronista contador. Davi Arrigucci<sup>8</sup> revela que as crônicas de Rubem têm parentesco com os contos, não com a forma do gênero conto moderno, mas com a do conto oral ou do causo do interior do Brasil, onde os saberes são comunicados de boca em boca por narradores anônimos. Braga seria então, um narrador portador de uma sabedoria que transmite as experiências vividas no interior. Suas histórias aproximam-se das formas de vida simples, dos objetos esquecidos, da natureza, das coisas humildes em geral, que são as que, para ele, sempre têm uma história que vale a pena contar. Ainda sobre o narrador, Davi Arrigucci afirma que o ele continua resistindo nos dias atuais, diferentemente do que pensou Benjamin a mais de cinquenta anos no seu famoso ensaio, *O Narrador*. Rubem Braga é então, “o cronista narrador-artesão ilhado no meio da indústria da informação”. (Arrigucci, 2001, p.27).

Em algumas crônicas de 1990, vemos que o narrador não entende o porquê de ser comparado ou reconhecido como um transmissor de experiências e fica ensimesmado por seus leitores insistirem em pedir conselhos, esclarecimentos sobre que direção tomar na vida, pois sentem confiança no narrador e desejam que os ajudem através da sua sabedoria. Na crônica *Rapaz do interior deseja vencer na capital* (06/01/1990), o narrador fala de um rapaz de 19 anos que mora no interior do Paraná e lhe enviou uma carta pedindo conselhos sobre o seu futuro como jornalista. O narrador se questiona pelo fato de pessoas desconhecidas lhe escreverem pedindo conselhos:

Mas por que esse rapaz se dirige logo a mim para pedir conselho? Que foi que escrevi, que frase solta no meio de alguma crônica pôde lhe dar a ilusão de que posso servir para dar conselhos a alguém? Ele diz

---

<sup>8</sup> Braga de novo por aqui. In: *Melhores Contos – Rubem Braga* (Seleção de Davi Arrigucci Jr.) São Paulo: Global, 2001.

que minhas crônicas servem de “lenitivo para as almas sofredoras”, o que me deixa francamente embaraçado e talvez um pouco aflito.

Para ele, não tem nenhum sentido uma pessoa escrever para um desconhecido pedindo conselho sobre uma decisão importante a tomar na vida. Esse estranhamento acontece porque o narrador se imagina apenas como um jornalista, homem da imprensa cuja função é ser um transmissor de informação. De acordo com Walter Benjamin (1985, p.203), a informação é um dos principais motivos para o desaparecimento do narrador, pois aspira uma verificação imediata e os fatos já nos chegam acompanhados de explicação. Apesar do nosso narrador não desejar ser um transmissor de experiências por viver no mundo da informação, acaba usando sua sabedoria para finalizar a crônica da forma que só um verdadeiro narrador contador poderia concluir, fazendo com que o leitor ouvinte reflita e sem deixar também de acrescentar o tom irônico que é uma das características do seu estilo: “Não, rapaz do interior, não te direi que venhas nem que fiques. Deves se menos crédulo e não pedir conselhos a quem não conheces. É tudo que honradamente posso te dizer. E sarava-piu-piu!”. Ele não quer dar conselhos, mas acaba por aconselhar o rapaz a não pedir a opinião de estranhos e, antes disso, ainda provoca uma reflexão irônica sobre a influência e o poder que a mídia exerce sobre as pessoas:

Com uma coluna de jornal ou uma página de revista, 15 minutos de rádio ou 5 minutos de televisão e um pouco de cinismo ou paranóia – eu convencerei a milhares de pessoas de que o importante na vida é pentear os cabelos da esquerda para a direita, votar em mim e usar uma gravata roxa, se for homem, ou uma fita roxa, se for mulher, e no lugar de dizer “bom dia” dizer “saravá-piu-piu”.

É importante observar que esse narrador/contador entra em contradição com o veículo de divulgação das crônicas, já que, segundo Davi Arrigucci (2001) não adere totalmente à informação, ele está um pouco à margem, com um olho no seu passado capixaba, nas suas viagens, nos seus amores e na sua velha casa, e o outro olho no presente transitório dos acontecimentos. Vemos então, que o cronista contador apresenta-se em meio a um conflito por saber que faz parte de um veículo de informação persuasivo e, mesmo assim, admite não desejar influenciar nem iludir ninguém através das suas crônicas. Também não tem a pretensão de que aquilo que escreve perdure, pois o jornal dura somente um dia. Entretanto, o leitor adotou esse narrador como o novo narrador contador de histórias, pois ele, assim como o narrador tradicional, é transmissor de experiências e consegue através delas repassar sua sabedoria, além de ser um contador de causos e das coisas simples da vida, contando histórias que ficam guardadas na memória.

Em *Acontece que Deus é grande* (27/10/1990), vemos novamente o narrador falando de uma carta que recebeu de uma leitora que simplesmente quer desabafar sobre sua vida. Ele afirma receber várias desse gênero, mas continua não vendo motivo algum para que elas lhe escrevam:

O pior é que o resultado dessa ‘ousadia’ é sempre o mesmo: nenhum. Que diabo poderá fazer o cronista, que não é padre nem analista, mas apenas um homem comum, de vida comumente também atrapalhada e triste, para ajudar alguém? Na melhor hipótese apenas algumas vagas palavras boas do gênero mais banal.

Prossegue suas observações sobre esse assunto, afirmando de maneira irônica que não sabe o que dizer para essas mulheres:

Em todo caso, que responder? Penso às vezes em aconselhar um banho de mar, passear na chuva ou andar de roda-gigante. Sempre é melhor do que dizer, em palavras finas, algo no fundo equivalente a “meta os peitos” ou “agüenta a mão”. Mas pode parecer que a gente está caçoando da tristeza dos outros.

Diferentemente do narrador tradicional que conta suas histórias para um público ouvinte ao seu redor, o narrador moderno que escreve para o jornal é aguardado pelos leitores toda semana quando a sua crônica é publicada. Os ouvintes do narrador oral, assim como os leitores do cronista contador, esperam pelas histórias que virão carregadas de sabedoria e também de experiências vividas por esse narrador.

#### A PRESENÇA DO ESPAÇO POÉTICO

Rubem Braga passou a sua vida inteira vivendo de um lugar para outro. Era um homem do mundo, por isso acumulava várias histórias e experiências para contar nas suas crônicas. Mas, nos últimos anos de sua vida, fixou-se num apartamento localizado no Rio de Janeiro. Sua vida nessa época de maturidade passou a ser pacata, sem muitas novidades para contar, como o próprio narrador afirma: “[...] É difícil escrever algo que diga coisa com coisa. O mal de um cronista idoso é sua tendência de só falar de mortos – os novos mortos que, afinal são, para ele, as únicas verdadeiras novidades”. (Os que vieram morrer no outono, 12/05/90).

O cronista contador agora irá recontar as lembranças vividas no passado e utiliza a memória para viajar no tempo, tempo sonhado que desperta felicidade e o faz esquecer do presente. Mas isso não foi uma característica apenas do final da vida desse narrador, ele apresenta-se assim em toda obra. De acordo com Arrigucci (2001, p.19) “A figura do narrador, tal como é representada no interior dos textos, desde as primeiras crônicas, tende a se recortar à distância, afastando-se do presente [...]”.

Vemos então que essa é uma característica marcante desse narrador, ele é sempre o velho Braga, o narrador do passado e das memórias. Ele é também em toda a sua obra o narrador viajante de que falou Walter Benjamin, aquele que conta o que viu em terras distantes e por isso o seu desejo é o de sempre estar de volta ao lar, a sua velha casa no interior capixaba. Entretanto, esses espaços construídos pelo narrador serão sempre míticos:

A casa tende a redimir o narrador do descentramento presente: torna-se o espaço mítico de um cosmo desejado, de um universo harmônico sonhado, mas, em última instância, inacessível para um ser dividido e

instável no curso do tempo. Reunindo aspectos psicológicos e ontológicos, a casa é, pois, a imagem de um contraponto fixo, ponto de estabilidade para o ser que o deseja e busca, enquanto se torna consciente de que tudo flui, corrompendo-se. Mas é também um fragmento de duração perdida, que, simbolicamente, se reilumina junto ao fogo, carregado de tempo vivido. Imagem de um desejo impossível. (ARRIGUCCI, 2001, p. 24)

Quando o narrador no momento de maturidade deixa de ser um viajante e fixa-se num único espaço, o desejo agora é de voltar aos espaços míticos que fizeram parte do seu passado, além de ainda desejar a velha casa do interior. Bachelard (2000, p.25) diz que: “A casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos”.

De 1987 a 1990, ano de sua morte, o narrador irá retornar através de suas crônicas para a Itália, Paris, Índia, Amazônia, Acre, Bogotá, Cachoeiro de Itapemirim, Maricá, Lisboa, Berlim e vai até para a Pasárgada de Manoel Bandeira. Além desses, a lembrança dos amigos leva o narrador para um passeio por lugares em que viveu momentos marcantes. O narrador também explora o seu espaço interior nessas crônicas. Sobre as imagens presentes na nossa vida, Bachelard (2000, p. 50) afirma que:

As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira instância. [...] Assim, é no final do curso da vida que veneramos realmente uma imagem, descobrindo suas raízes para além da história fixada na memória.

Então, vemos esse narrador que antes era um narrador viajante e agora apenas viaja pelos espaços da sua imaginação, tratando poeticamente dos espaços que fizeram parte da sua vida.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. **Achados e perdidos – ensaios de crítica**. São Paulo: Editora Polis, 1979.

\_\_\_\_\_. Braga de novo por aqui. In: **Melhores contos – Rubem Braga**. São Paulo: Global Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. Fragmentos sobre a crônica. In: **Boletim bibliográfico – Biblioteca Mário de Andrade**. São Paulo, Vol. 46, nº 1-4, jan./ dez. de 1985.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRAGA, Rubem. Rapaz do interior deseja vencer na capital. São Paulo: **O Estado de São Paulo** (Caderno 2), 06 de jan. de 1990.

\_\_\_\_\_. Muita coisa o verbete não diz. **O Estado de São Paulo** (Caderno 2). São Paulo, 10 fev., 1990.

- \_\_\_\_\_. Este grande e belo, incrível Rio de Janeiro. **O Estado de São Paulo** (Caderno 2). São Paulo, 3 mar., 1990.
- \_\_\_\_\_. Tem que dar certo, ou será o caos. **O Estado de São Paulo** (Caderno 2). São Paulo, 24 mar., 1990.
- \_\_\_\_\_. Com simpatia, mas sem nenhuma pressa. **O Estado de São Paulo** (Caderno 2). São Paulo, 19 maio, 1990.
- \_\_\_\_\_. Acontece que Deus é grande. São Paulo: **O Estado de São Paulo** (Caderno 2). 27 de out. de 1990
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984. Vol. 5.
- COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel: Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global editora, 2004.
- ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectivas, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a crônica. In: **Boletim bibliográfico** – Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, Vol. 46, nº 1-4, jan./dez. de 1985.
- \_\_\_\_\_. **Folhetim: Uma história**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto** - emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.
- RONCARI, Luiz. A estampa rotativa na crônica literária. In: **Boletim Bibliográfico – Biblioteca Mário de Andrade**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo, 1985. V.46, n.1/4.